

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

UM HABITAR “MODERNO” PARA AS CIDADES INTERIORANAS DO BRASIL: O BANGALÔ

SESSÃO TEMÁTICA: IDEIAS VIAJANTES: ARQUITETURA E URBANISMO NO INTERIOR
DO PAÍS.

Karla Di Giacomo Dias Oliveira dos Santos
Mestranda no Programa de Pós Graduação - FAAC- UNESP- Bauru
digiacomokarla@gmail.com

Nilson Ghirardello
Professor Doutor - FAAC- UNESP- Bauru
nghir@faac.unesp.br

UM HABITAR “MODERNO” PARA AS CIDADES INTERIORANAS DO BRASIL: O BANGALÔ

RESUMO

O bangalô, originário da Índia, viajou com seus colonizadores britânicos a diversas regiões do mundo. Essa tipologia atraente se caracterizava por ser despojada, aconchegante e de fácil execução e demonstrava “modernidade” no habitar. Deste modo, alcançou o gosto das classes abastada e média. Transitou da Índia à Inglaterra, chegou aos Estados Unidos e daí ao Brasil, através de revistas da época ou viagens da burguesia ao exterior. Adaptou-se a cada região, podendo ser atribuída a ela influências locais singulares, que não a descaracterizavam, mas agregavam valores e particularidades. O bangalô agradou a capital paulistana antes dos meados do século XX, mas não só, outros estados brasileiros também apresentaram essa tipologia. Contudo, o enfoque deste trabalho é no interior do estado de São Paulo, pois ela é significativa, principalmente em cidades onde a ferrovia cumpria um papel importante. Bauru, devido sua posição estratégica no centro do Estado, recebeu imenso entroncamento ferroviário composto pelas companhias, Sorocabana, Noroeste e Paulista, que impulsionaram a cidade. Em meio às mudanças ocorridas, o bangalô chega à cidade na segunda década do século XX, para as classes médias, mas também se destinou aos operários da ferrovia. O intuito deste trabalho é retratar a trajetória desta tipologia e demonstrar como ela foi presente em diversas regiões do país, sobretudo na cidade de Bauru.

Palavras-chave: Bangalô; trajetória; Bauru.

A "MODERN" HABITATION FOR THE BRAZIL COUNTRYSIDE CITIES: THE BUNGALOW

ABSTRACT

The bungalow, originated in India, traveled with its British colonizers to various regions of the world. This attractive type was characterized by being unsophisticated, cozy and with easily execution plus showing "modernity" in dwell. Thus, it reached the taste of the wealthy and average classes. Moved from India to England, arrived in the United States and from there came to Brazil, through period magazines or to overseas travels of the bourgeoisie. Adapted to each region, unique natural influences were made, not taking of its features but adding values and new characteristics. The bungalow also pleased not only the São Paulo capital before the mid-twentieth century, but other Brazilian states also showed this type. However, the approach of this work is the countryside of the São Paulo state, since its presence is remarkable there, especially in cities where the railway fulfilled an important role. Bauru city, due its strategic position in the center of the São Paulo State, received a huge rail intersection compound by the companies: Sorocabana Noroeste and Paulista, which boosted the city. Among occurred changes, the bungalow comes to the city in the second decade of the twentieth century to the average classes, but was also destined to workers of the railroad. The purpose of this work is to depict this type trajectory and demonstrate how it was present in various regions of the country, especially in Bauru city.

KEYWORDS: Bungalow; Trajectory; Bauru.

1. DA ORIGEM, ÍNDIA, AO DESTINO, BRASIL.

1.1 A CAMINHO DO BRASIL

A época das Grandes Navegações europeias foi marcada pela crise do feudalismo e o advento do início das características pré-capitalistas que só assumiu forma plena de capitalismo na Revolução Industrial.

Em um momento de crise, as navegações possibilitaram a busca por novos caminhos mercantis, principalmente através de terras orientais. A expansão marítima foi acentuando-se, afinal, a burguesia em ascensão estava cada vez mais disposta a consumir diversos produtos orientais.

Coube a Portugal¹ ser pioneiro das navegações por ter centralização política, paz interna e localização privilegiada, diferente de alguns países, como a Inglaterra e a Holanda. Assim, estavam abertas as rotas ao Oriente, e em 1498 os portugueses atingiram a Índia. Mas, por volta de 1530, com a concorrência ao comércio das especiarias indianas, pelos holandeses e ingleses, não mais mergulhados em instabilidades políticas e econômicas, o império português oriental começa a ruir. Neste tempo, coloca Wells (1939), a Índia despertava mais interesse, sendo um atrativo aos “aventureiros europeus”.

Em 1600, com a fundação Companhia das Índias Orientais², expedições britânicas³ chegam até a Índia em busca de desafiar o domínio do comércio Português de especiarias, instalado em terras indianas. França, Dinamarca, Suécia e Holanda também faziam parte da busca por condimentos, porém, só em 1818, após inúmeras batalhas, foi estabelecido o domínio britânico sobre a Índia. (KRAMER, 2006). Neste período, conforme Roberts (1998, p. 614), “havia mais pessoas sob o domínio britânico na Índia do que qualquer outra possessão imperial”.

Logo que os ingleses adentraram o país, ficaram atraídos por uma arquitetura especificamente da região da Bengala (figura1), o *bangla* ou *bangalô*⁴, já que a casa de campo que utilizavam era inadequada para servir como moradia em um local extremamente

¹ No terceiro quartel do século XVI os diálogos culturais começavam a afunilar, principalmente devido à “bagagem” de conhecimentos adquiridos pelos portugueses depois da colonização oriental. Muitos utensílios utilizados pelas civilizações asiáticas puderam ser bem proveitosos aos colonizadores em nosso país. O chapéu de sol, a porcelana da China, algumas plantas, especiarias, comidas, alguns animais (FREYRE, 2003). Ainda, ressalta o autor, que a aristocracia do litoral brasileiro podia se deleitar com o que na Europa só as cortes usufruíram. Desde 1530 os ingleses mantinham um comércio ilícito no litoral do Brasil. Não muito distante desse período, os ingleses se juntaram à Companhia das Índias Orientais para aumentar o monopólio de comércio; chegam até a Índia.

² Conforme Roberts (2000, p.614) “a companhia foi criada para fazer comércio e por muito tempo os seus agentes continuaram ver a Índia sob essa ótica: como um lugar em que tudo que queriam do governo era assegurar que podiam continuar com os negócios.”.

³ Muitos fatores contribuíram para o retardamento da Inglaterra, da França e Holanda, na expansão marítima: inexistência de uma monarquia centralizada e instabilidade política e econômica.

⁴ Originário do termo *bangla*.

quente. Segundo Kramer (2006), uma casa de campo inglesa era fechada hermeticamente como uma caixa, característica sensata em um clima frio, mas inapropriada a um clima quente e úmido, onde um pouco de brisa seria valiosa para amenizar e equilibrar o clima interno de uma residência.

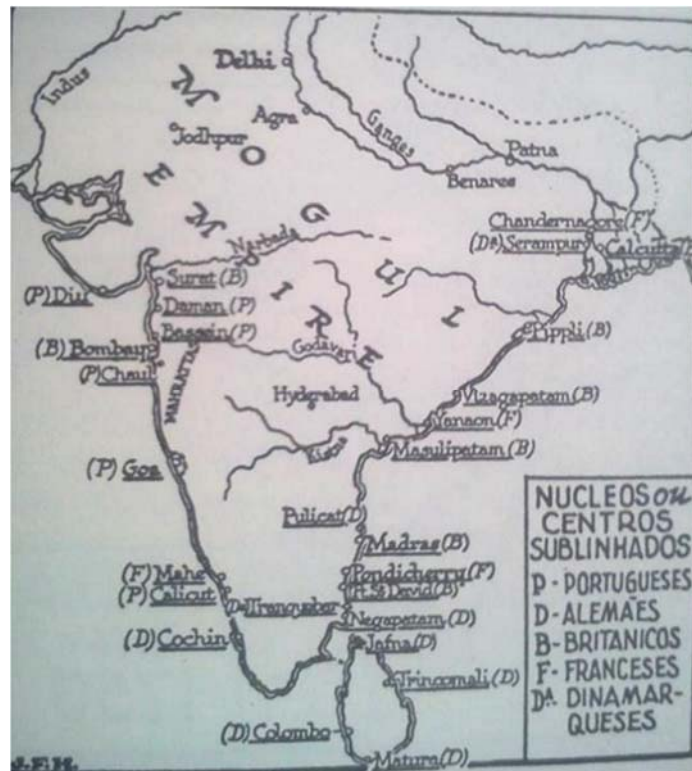


Figura1 - Mapa da Índia. Fonte: Wells, 1939, p.75

Desta forma, aderiram, pouco a pouco, ao bangalô em seus acampamentos, que era uma moradia tipicamente indiana (figura 2), de palha amarrada a uma estrutura de bambu ou de barro; dependendo do material que estivesse disponível no local. Podia ser entendida como vernacular, térrea, destinada a uma só família; possuía um caráter marcante assinalado pela varanda, elemento fundamental para a climatização interna da residência.



Figura 2 - Bangalôs de arquitetura vernacular indiana. Fonte: Kramer, 2006, p.10

O bangalô passou por modificações para ser adaptado às necessidades dos colonizadores britânicos (figura 3), tendo seu padrão modificado, acrescentando mais dormitórios e banheiros, que promoveram o aumento proporcional da volumetria e, conseqüentemente, da varanda que dava acesso à sala principal (VAROL, 2013). Assim, o bangalô, começou a ser utilizado para designar uma habitação aos colonizadores europeus, que empregaram, a esse tipo de edificação, critérios raciais, culturais e implicitamente políticos. (KING, 1982)



Figura 3 - Bangalôs adaptados pelos ingleses. Fonte: Kramer, 2006, p.14

Deste modo, o caráter do bangalô modesto assume aspecto mais imponente, mas o mesmo não deixa de perder seu elemento principal, a varanda, e nem mesmo sua característica vernacular de um pavimento só.

Esses bangalôs alterados assumem o préstimo de arquitetura colonial da Índia. As novas plantas se desenvolviam de forma simétrica e os acessos aos demais cômodos por uma sala principal e os dormitórios nas extremidades (figura 4). Comenta King (1982), que os primeiros bangalôs britânicos eram edificados mais ou menos a uns 60 centímetros do chão sobre uma base de tijolo, sendo construído apenas um pavimento, com fundações rasas. Os novos bangalôs poderiam conter varandas em toda a volta, ou apenas na parte frontal, acompanhando a dimensão da fachada.

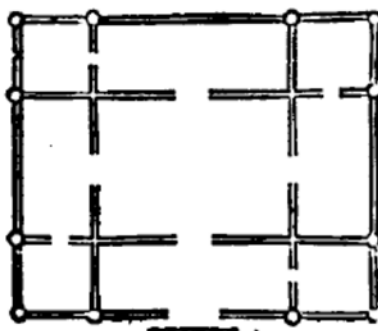


Figura 4 - O acesso aos demais cômodos era dado pela sala. As varandas ao redor dos cômodos possibilitavam intimidade. Fonte: Kramer, 2006, p.12

O bangalô é, provavelmente, o único tipo de casa que, tanto seu nome quanto sua forma, existe em quase todos os continentes . Ao investigar suas origens na Índia e desenvolvimento posterior na Grã-Bretanha, América do Norte , Austrália, África e Europa , nota-se que também se moldaram ao mundo moderno desde o colonialismo, à industrialização, à urbanização e à suburbanização. Em diferentes contextos históricos, o bangalô foi, por várias vezes, cabana do camponês , habitação colonial, casa especializada, retiro rural, habitação tropical e casa suburbana . (KING, 1982)

À medida que o bangalô tornava-se uma forma de morar acessível aos olhos britânicos, quanto à mão de obra simples, à utilização de materiais disponíveis em cada região e à facilidade de execução, este se difundiu até outras colônias de dominação inglesa e na própria Inglaterra, onde era utilizado também como casa de campo destinada à burguesia que fugia da cidade para passar um final de semana agradável em contato com a natureza.

Na Inglaterra, “até aproximadamente 1914, o bangalô situava-se na área rural: tomando a aristocracia como exemplo, as classes média e alta urbanas procuraram um refúgio no campo”. (JANJULIO, 2011, p.48).

É possível compreender que o bangalô vernacular indiano vai assumindo novas características ao chegar a diversas regiões, pois o *bangla* se modifica na Índia através dos britânicos, traduzindo-se como *bungalo*. Chega à Inglaterra não com um caráter vernacular e nem colonial, mas como um bangalô “moderno”⁵ por ser uma moradia simples, livre de pretensões, que poderia unir a natureza e a construção de forma equilibrada, com isso, tornava-se cada vez mais procurado pelas classes média e alta.

No entanto, com a expansão das cidades inglesas no início do século XX, a área rural, ou seja, o campo foi incorporado ao complexo urbano, denominando-se como subúrbio. Com isso, a busca da volta à natureza passou a aplicar-se à casa desse subúrbio.

A cidade Industrial foi decorrente de um século de transformações no modo de vida da população. As cidades cresceram sem nenhum planejamento e com isso, tornaram-se caóticas, onde a classe operária vivia sem nenhuma infraestrutura. Com isso, muitos intelectuais preocupados com essa situação passaram a desenvolver projetos para modificar essa realidade. (FIGUEIREDO, 2012, p. i)

O caos da falta de habitação era uma realidade que vigorava em muitas cidades inglesas do período e uma das medidas adotadas para dar solução a este cenário, foi o bonde, que proporcionou o estiramento suburbano, com isso, muitos cortiços foram demolidos e novos bairros distantes do centro foram criados. Assim, a cidade vai envolvendo o campo, transformando-o em subúrbio. (HALL, 1988)

É neste período que as ideias de cidade-jardim vêm tentar atender o contexto vivido e o arquiteto e urbanista Barry Parker (1867-1941) associado a Raymond Unwin (1863-1940) concretizam as ideias de Ebenezer Howard⁶ (1850-1928).

Unwin e Parker buscaram seguir a teoria de Ebenezer Howard para a primeira Cidade-Jardim. Desse modo, ao conceberem o plano de Letchworth, ambos buscaram respeitar os princípios da cidade-jardim bem como os seus. As vias foram dispostas de modo que não houvesse um conflito com a topografia do local. Desenvolveram um traçado informal, em alguns casos [...]. Ambos defendiam o ideal de oferecer habitação de qualidade à classe operária, mostrando interesse na arquitetura da habitação dessa classe. As habitações contavam, frequentemente, com jardins fronteiros, além de haver vasta arborização nas vias, possibilitando uma integração entre a cidade e o campo. (FIGUEIREDO, 2012, p. v)

⁵ Janjulio (2009)

⁶ Em 1902, Ebenezer Howard descreveu sua cidade ideal como uma cidade onde indústria e comércio pudessem ser integradas às habitações, jardins e também conter o acréscimo da indústria moderna e ferrovias. (SPIRN, 1995)

Desta maneira, uma das tipologias adotadas para atender a questão da moradia salubre e disposta ao centro do lote, foi a do bangalô, pois este se enquadraria perfeitamente ao caráter e ao espírito de uma cidade-jardim. Portanto, é muito comum encontrarmos bangalôs no subúrbio inglês e também Norte Americano.

Ressalta Janjullo (2011, p. 48) “Se as origens do bangalô moderno estão na Inglaterra, foi nos Estados Unidos que ele se desenvolveu plenamente, chegando através de conexões que incluíam livros, jornais e revistas, a partir do início do século XX, e, principalmente, após 1905”.

Os Estados Unidos são um exemplo claro da inserção do bangalô em um contexto habitacional suburbano destinado à maioria da classe média, contudo, só começou a ser notado após o movimento *arts and crafts*⁷, principalmente, na região da Califórnia, entre 1907 e 1909, embora o termo já tivesse sido utilizado desde 1880 para designar pequenos lares norte-americanos. (TAGLIARI, 2007).

Era uma arquitetura muito utilizada, que chamava a atenção das pessoas. Considerado uma residência democraticamente correta, devido ao seu baixo custo, tornando-se acessível a todos os cidadãos. (TAGLIARI, 2007). Ficou conhecido como uma construção californiana (figura 5), devido a inúmeros bangalôs existentes no local, e, deste modo, continham “qualidades espaciais, espaços internos amplos e abertos, um pavimento, grandes beirais que protegiam do sol e uso intenso de materiais naturais como a madeira e uso de técnicas tradicionais na construção”. (TAGLIARI, 2007, p.637)



Figura 5 - Bangalô Californiano, típico dos Estados Unidos - Pasadena, 1911. Arquiteto Arthur S. Heineman. Fonte: Tagliari, Gallo, 2007, p.6

⁷ Movimento originalmente inglês, devido à industrialização, e se difundiu até os Estados Unidos. Representando, segundo Janjullo (2009), regionalismo, unidade de desenho, prazer no trabalho, individualidade, preservação das técnicas tradicionais de construção.

A arquitetura vai modificando-se, agregando a ela valores e costumes que variam de região a região, deste modo, Correia (2004, p.47), expõe que, “moradia é elemento da organização social que ao longo do tempo incorpora significados diversos”, por isso há variações nos bangalôs de alguns países e regiões, mas seu conceito de simplicidade continua o mesmo.

Nota-se, que o bangalô “moderno” adaptava-se às técnicas construtivas, existentes em cada região e às necessidades. Um exemplo claro dessa adaptação às necessidades é o das varandas, tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, poderiam ser fechadas com vidro, despreendendo-se do seu conceito de apaziguar o calor do clima local, afinal, não havia essa utilidade como nos países tropicais. É possível evidenciar, a partir disso, a diferença entre o bangalô vernacular – térreo, com varanda – do bangalô moderno – com possibilidade de não ter a varanda e que também poderia ser assobradado⁸.

1.2 O CENÁRIO DO BRASIL AO RECEBER O BANGALÔ

A América Latina, a partir do final do século XIX, estreitava laços com países industrializados. O Brasil exercia a função de fornecedor de produtos agrícolas, particularmente o café, e algumas outras matérias-primas, enquanto a Europa e os Estados Unidos se tornavam industriais e urbanos. Os Estados Unidos começaram a investir nos países exportadores em desenvolvimento, proporcionando a estes, infraestrutura, marcando o início do domínio Norte-Americano sobre esses países, que vem se fortalecer através da Doutrina Monroe⁹. Iniciava-se, um momento favorável a diálogos entre Brasil e Estados Unidos. Com a troca de favores estabelecida, eles passam ao nosso país elementos de sua cultura, de sua arquitetura e o bangalô é um elemento claro dessas influências.

Desde o início do século XX, o bangalô ingressava ao Brasil, através de revistas. Neste momento, começava vigorar no país novos conceitos de implantação de residências no lote, elas podiam conter recuos frontais e de ambos os lados. Entretanto, esses afastamentos só eram viabilizados para novas construções, distantes do centro, destinadas à classe abastada. O bangalô se enquadrava perfeitamente a esta condição e, além disso, estava cada vez mais ligado ao espírito de se morar distante da cidade, em contato com a natureza (figura 6). Não era tido como algo sistemático e preso à uniformidade, mas como uma edificação que libertaria o proprietário do caos da cidade e também da suntuosidade das

⁸ Janjullo (2009)

⁹ James Monroe, presidente dos estados Unidos entre os períodos de 1817-1825, declarou, em 1823, não aceitar nenhum tipo de interferência europeia no continente. (ATIQUE, 2007)

casas ecléticas, as pessoas referiam-se a bangalôs como casas de férias, casas de campo. Aqui, devido ao clima, apresentam varanda, mesmo que pequena.

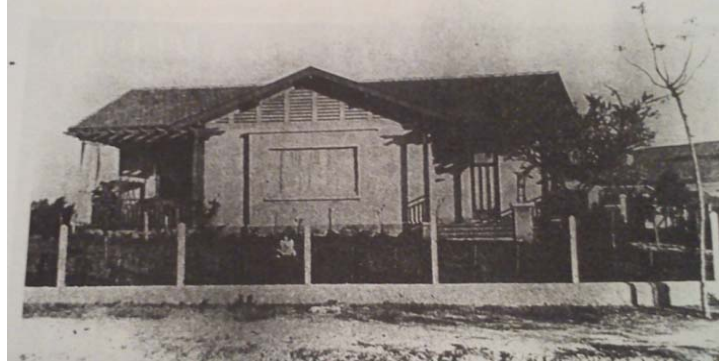


Figura 6 - Bangalô e seu jardim, localizado no bairro Jardim América. Fonte: Wolff, 2001, p. 204

A arquitetura residencial do início do século XX era representada de forma majoritária por casas de jardim lateral localizadas nos bairros destinados às classes altas e médias. No início do novo século, novas possibilidades moviam a burguesia enriquecida pelo café, diferentes perspectivas habitacionais eram possíveis. Comenta Aragão (2011), que era uma época em que as pessoas estavam obcecadas por tudo que era europeu, inclusive os palácios, que aqui não ultrapassavam a dimensão de uma quadra, denominando-se palacetes.

Neste momento, expõe Reis Filho (2013), os arquitetos orientavam a construção de casas com soluções arquitetônicas atualizadas, com porões altos e amplos jardins, programas que conseguiriam unir ao mesmo tempo sobrados e chácaras.

Aos poucos a cidade enquadrou seus costumes e a arquitetura “ao viver à francesa”, com ruas arborizadas, palacetes ajardinados, que davam vida ao novo cartão postal da cidade: a Avenida Paulista inaugurada em 1891 (figura 7). A partir daí, os sobrados do período oitocentista vão sendo esquecidos à medida que os palacetes são aderidos. Aragão (2011).



Figura 7 - Avenida Paulista em 1902. Fonte: Homem, 1996, p. 186

O palacete vigorou como a casa urbana, rica e requintada do final do século XIX e início do XX, conforme Aragão (2011, p.256), “a essa altura, o jardim circundava a residência, sendo projetado também segundo as tendências europeias e contribuindo não apenas para a valorização da arquitetura, como para a valorização do espaço urbano”.

Com essas atuais aspirações, principalmente para atender a burguesia, os “pequenos palácios”, localizaram-se em bairros suburbanos. Desta maneira, muitos bairros, com o intuito de enquadrar essa nova arquitetura isolada no lote, surgem em São Paulo: Consolação, Higienópolis, Jardim América. Com isso,

O espírito que presidia as primeiras casas térreas do jardim América era o de uma arquitetura que vinha popularizando-se nos Estados Unidos a partir de uma adaptação cultural que as colônias britânicas processaram na Índia desde o século XVII- o bangalô ou bungalow - na origem, um tipo de casa de planta simples e regular, cercada por varandas que sombreavam as paredes. (WOLFF, 2001, p. 188)

Enquanto a burguesia era acalentada por edifícios luxuosos com grandes espaços internos e a presença de jardins ornamentais e climatizados, os menos favorecidos viviam à margem das indústrias, sujeitos a habitações inadequadas.

As habitações burguesas contrastavam com os cortiços onde estavam amontoados os proletários. Deste modo, pela primeira vez, expõe Lemos (1989), os programas habitacionais passariam a fazer parte da legislação municipal e, desta maneira, legisla-se sobre as mínimas dimensões dos cômodos. Pensava-se na salubridade das residências,

principalmente as destinadas ao aluguel, pois estas estavam diretamente ligadas à especulação imobiliária. A legislação vem tentar atender a um cenário caótico pelo qual passava a cidade em relação à habitação dos operários em geral. Nota-se que, embora houvesse a preocupação com a salubridade, a prefeitura local não consegue ter o domínio completo da situação.

Os subúrbios - no caso do Jardim América – desenvolviam-se cheios de requintes e dos mais belos tipos de residências. Vale ressaltar duas vertentes desses belos tipos: o bangalô - que se enquadrava às necessidades da alta classe, mas também foi uma das tipologias utilizadas nas novas vilas operárias, casas de aluguel e casas compradas à prestação para a solução do caos das habitações proletárias – e os palacetes.

O bangalô não era considerado um estilo, pois era uma arquitetura de origem vernacular, explica Lemos (1996), que uma arquitetura vernacular estava fora das questões de estilos arquitetônicos, pois era feita originalmente por povos com limitados repertórios de conhecimento e com o uso de materiais disponíveis em cada região. Com isso, Janjullo (2009), demonstra que diferentes tipologias eram aceitas na época como bangalô. Eles poderiam ser desde um bangalô cottage, até mesmo um bangalô californiano ao estilo missões (figura 8), ou um simples bangalô avarandado e menos sofisticado, que era, na maioria das vezes, voltado à classe média.

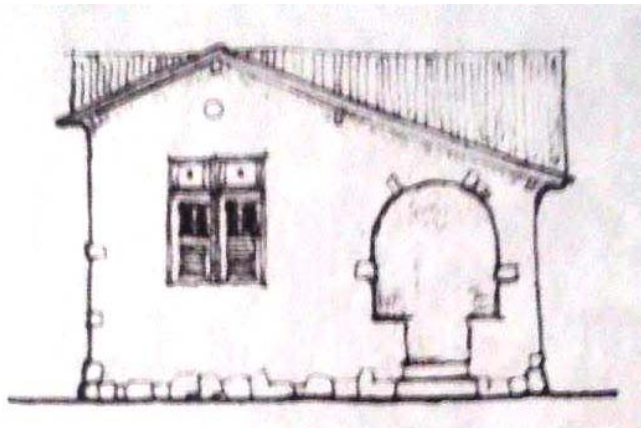


Figura 8 - Bangalô em estilo missões. Fonte: Veríssimo, 1999, p.73

No período da Primeira Guerra,

[...] nossa economia sofreu abalos e nossa balança comercial passou a ficar dependente cada vez mais de acordos com os Estados Unidos que se tornaram,

inclusive, intermediários das nossas importações e exportações devido aos boicotes marítimos e dificuldades várias de comunicação. (LEMOS, 1989, p. 164)

Neste viés, a década de vinte traz com ela, menciona Veríssimo (1999, p.67), “uma discussão formal e estética de um mundo em ebulição”, um mundo que acabara de passar pelos abalos econômicos da Guerra. Foi um tempo em que se buscava algo moderno¹⁰ e o neocolonial¹¹ tenta atender essa necessidade. Desta forma, junto ao “neocolonial lusitano” aparece também, de acordo com Atique (2007), o denominado “estilo missões”, ou “*estilo misiones*”, ou “Californiano”, ou “estilo missão hespanhola”, ou “bangalô Californiano”, que remetia a uma arquitetura colonial da Espanha, desenvolvida nos Estados Unidos.

Neste tempo, coloca Saia (2005), que a aquisição de revistas¹² e o cinema norte-americano tornavam-se mais comum, trazendo para a cidade de São Paulo verdadeiros arranjos californianos expressados pelo estilo missões¹³. Neste viés, são encontrados no Brasil, bangalôs com caráter mais californiano do que europeu, embora, segundo Veríssimo (1999), ele fosse tido como uma das vertentes europeias que ainda perduravam.

Deste modo, em nosso país, são encontradas inúmeras tipologias para o bangalô, ele pode se assemelhar às características britânicas representadas por um caráter linear avarandado ou até mesmo compacto, remetendo características cottage; também bangalôs de dois pavimentos mais presentes nos Estados Unidos e estes poderiam ser térreos e conter uma roupagem em estilo missões. Vale ressaltar, que o Brasil atribuiu ao bangalô elementos que lhe dessem uma característica peculiar brasileira, ou seja, aos poucos os bangalôs observados no exterior começaram a moldar-se e tornar-se mais urbanos, menores, compactos, vislumbrando a questão da salubridade, enquadrando-se na malha urbana de maneira tão agradável que parece ter surgido no centro urbano.

O novo bangalô compreende inúmeros estados de nosso país e é bem marcante no estado de São Paulo, na cidade de Bauru, constituindo grande parte do patrimônio arquitetônico dessa cidade.

¹⁰ [...] ser moderno nos anos vinte, significava prezar o nacionalismo e a tradição e apesar das propostas modernizadoras encontradas nesse período, esse vocabulário ganha significado e se expande por toda a década, chegando mesmo aos anos quarenta, já com versão popular, recebendo reflexos da então emergente indústria cinematográfica americana. (VERÍSSIMO, 1999, p. 70).

¹¹ Conforme Lemos (1989) o neocolonial surge da ideia de recuperação da nossa tradição arquitetônica, mas que na realidade era uma arquitetura com a cara da arquitetura colonial de Portugal, ainda comenta que, o uso do termo “neocolonial” seria até impróprio.

¹² Neste tempo, assim como nos Estados Unidos, revistas de decoração chegam ao país devido ao grande interesse das mulheres por informações e conselhos para suas casas. (JANJULIO, 2009)

¹³ O termo *Mission* tem profunda ressonância. Ele sustenta o mito de que as missões espanholas foram um grande capítulo na história da colonização americana, ao invés da exploração vergonhosa e dizimação de uma população nativa. Importante também era a maneira como o termo nitidamente se encaixava com a ideologia do movimento *Arts and Crafts*. Esta combinação de moralidade e marketing foi capitalizada por jornais e revistas (KAPLAN 2004, p.273 apud JANJULIO 2009, p. 122).

No âmbito da cidade de São Paulo, o “bangalô urbano” menor e mais compacto (figura 9), surge como um atrativo aos novos casais da classe média, e, segundo os anúncios dos engenheiros Freire e Sodré, mencionados por Janjullo (2009), os bangalôs eram uma tentação, pois sua compra poderia ser dividida em inúmeras parcelas, o que facilitaria a vida do comprador para ter a casa própria.



Figura 9 – Bangalôs urbanos e menores. Localizam-se respectivamente no bairro Perdizes e na Zona Leste, Rua Asfaltite. Fonte: Campos, 2008, p.99; www.saopauloantiga.com.br

O interesse dos arquitetos e empreendedores era tentar chamar a atenção da classe média e da mais abastada para que comprasse esta nova maneira de morar, que poderia atender tanto ao requinte, quanto à simplicidade (figura 10). Essa habitação que, assim como a eclética, estava imbuída da influência europeia e norte-americana, aos poucos foi adaptando-se ao Brasil e tendo características bem peculiares, inclusive em cidades do interior paulista, quando destinada à classe operária, nas vilas ferroviárias.

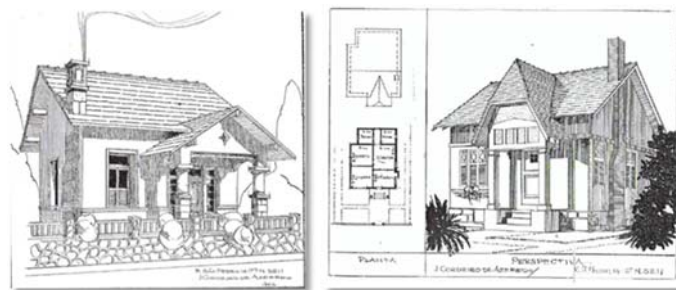


Figura 10 - Bangalôs destinados à classe média. Elaborados pelo arquiteto J. Cordeiro de Azeredo. É possível notar seu caráter voltado ao *cottage*. Esses bangalôs estavam presentes na revista “A Casa”, 1924. Fonte: Janjullo, 2009, p. 240 e p.243

Também era necessário solucionar a problemática dos cortiços, contudo, a ação do poder público na produção de moradias para os operários foi quase nula, devido às características da economia agrário-exportadora que favorecia o investimento privado na habitação de aluguel. (BONDUKI, 2012).

Assim, a busca incessante de capitalistas por novas casas de aluguel tornava-se mais comum, muitos sobrados antigos, entre outras moradias, eram alugados aos operários, onde viviam de forma precária, sem nenhuma infraestrutura. Dividiam os mesmos cômodos, mesmos sanitários, compartilhavam o mesmo modo de vida. Até as doenças, foram espalhando-se por conta da falta de preocupação com as questões sanitárias. A essas residências – muitas feitas em áreas alagadiças, com materiais de baixa qualidade - deu-se o nome de cortiço.

Ao mesmo tempo, a criação do Jardim América na segunda década do século, tornava-se um contraponto a essa realidade da metrópole. “A guerra, o crescimento do proletariado, as primeiras greves operárias, a falta de habitação [...]” (SEGAWA, 2000, p.128) eram o que marcava o momento.

A cidade passou por um período – em razão da Primeira Grande Guerra - em que até os capitalistas que investiam em casas de aluguel, visando novas aplicações mais rentáveis, abandonaram esse tipo de investimento, em razão da crise da habitação, que ocorrera graças ao encarecimento do material de construção¹⁴ (figura 11).



Figura 11 - Cortiço Moóca, em São Paulo. Fonte: Correia, 2004, p.6

¹⁴ Segawa (2000)

Em meio a este cenário caótico em relação às moradias destinadas aos operários, que eram os que moviam as indústrias e a riqueza dos industriais, foram criadas vilas com o intuito de melhorar a salubridade das cidades e “extinguir” os cortiços. “[...] industriais, empresas de mineração, companhias ferroviárias e empresas imobiliárias estiveram envolvidas na construção de casas salubres e baratas para proletários, a partir, sobretudo, da década de 1890.” (CORREIA, 2004, p.39)

As vilas eram construídas sem componentes pré-fabricados, eram artesanais e desenvolveram tipologias arquitetônicas novas, que se baseavam na economia, salubridade e racionalidade. (BONDUKI, 2012)

E nessa busca por tentativas de melhorias nas residências operárias (figura 12), notam-se inúmeras vilas, principalmente ferroviárias – em várias regiões do país - compostas por bangalôs, afinal, conforme coloca Correia (2011), da mesma forma que o pitoresco adentrou os subúrbios burgueses no final do século XIX e início do XX, ele também penetrou no cenário de muitas vilas operárias e os bangalôs evidenciam isso. Além do mais, os bangalôs atendiam as questões de praticidade de execução, presença de recuos, contribuindo não só financeiramente, devido a sua simplicidade construtiva, como também uma habitação higiênica.



Figura 12 - Exemplo da vila operária com bangalôs em Curitiba. Fonte: vidadmaquinista.blogspot.com

“As vilas ferroviárias tiveram grande importância quantitativa e um papel destacado na formação das muitas cidades que nasceram ao longo das estradas de ferro.” (BONDUKI,

2012, p. 21). A cidade de Bauru, interior de São Paulo, não se formou devido à ferrovia, mas se desenvolveu a partir dela.

É neste viés que Bauru se destaca em relação à utilização de bangalôs destinados à vila operária (figura 13) dos ferroviários, afinal, foi uma cidade marcada pelo entroncamento das ferrovias Sorocabana, Noroeste e Paulista (1905 a 1911). E assim, como relata Correia (2011), às vezes, essa tipologia voltada ao pitoresco destinava-se aos gerentes, secretários da empresa, engenheiros.

Bauru não apresentou uma arquitetura eclética expressiva como outras cidades originadas do período cafeeiro, mas apresentou e ainda apresenta o bangalô, que revela, através de sua arquitetura, grande relevância ao contexto histórico local, além de representar um destacado patrimônio arquitetônico que, dentro do contexto da época, constituiu nova forma de morar à cidade.

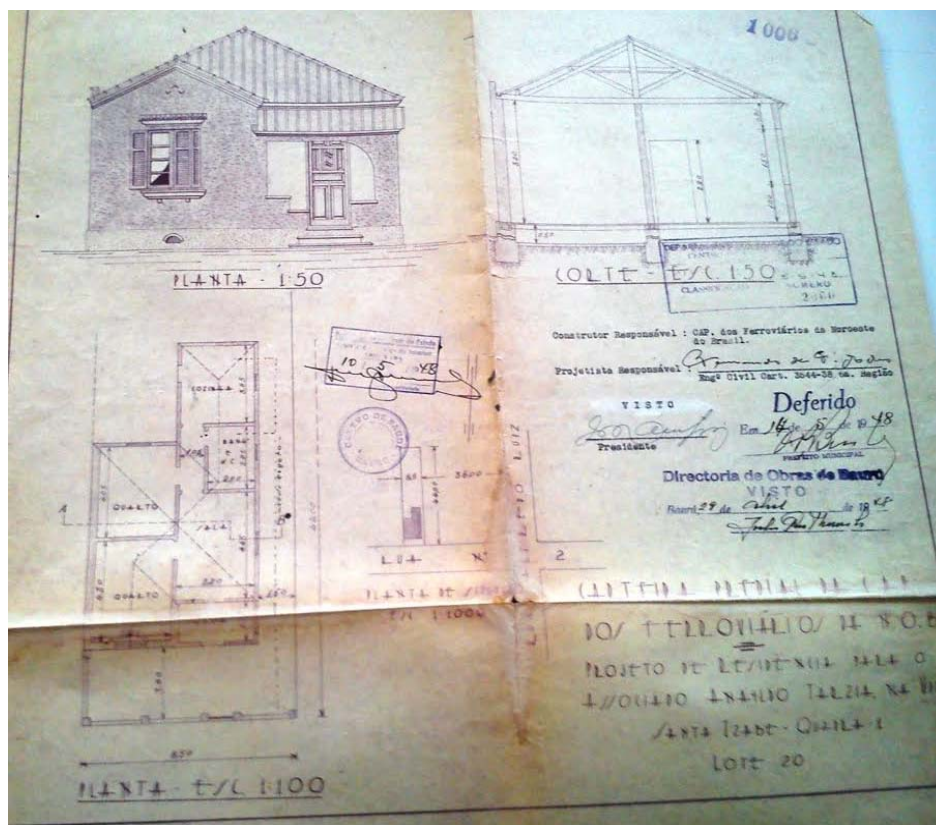


Figura 13 - Bangalô típico construído aos ferroviários, na vila Santa Izabel, nas proximidades da ferrovia. Fonte: Seplan, 2015

Tão notável foi a expansão do bangalô em Bauru, que o mesmo também atingiu a classe média dos bairros ao redor da ferrovia, não só destinando-se aos ferroviários, mas à população em geral, principalmente, conforme Constantino (2005), no Bairro Bela Vista, construído em 1929, com o intuito de ser considerado um bairro-jardim.

Desta maneira, o bangalô de Bauru, assim como em outras regiões brasileiras, assumiu características bem peculiares em relação ao indiano e ao britânico; por se localizar na região central da cidade, fato que não ocorria com os bangalôs britânicos distantes da urbanização. Os bangalôs existentes em Bauru contêm um aspecto mais compacto, porém, se mantêm despojados, e remetem a natureza através dos jardins nos recuos. Além disso, devido a sua simplicidade, eles poderiam conter “roupagens” ecléticas, *art deco*, missões, sem perder sua individualidade básica como: o acesso ao interior do edifício através da varanda, que chega a uma sala e essa faz a distribuição dos fluxos aos demais cômodos. Quanto a sua volumetria, era composta por jogos de telhados mesclando quatro águas para o corpo do edifício e duas para o cômodo que é ressaltado na fachada, a varanda, a maioria das vezes, apresentava o pé direito menor em relação ao do interior do bangalô. (figura 14)

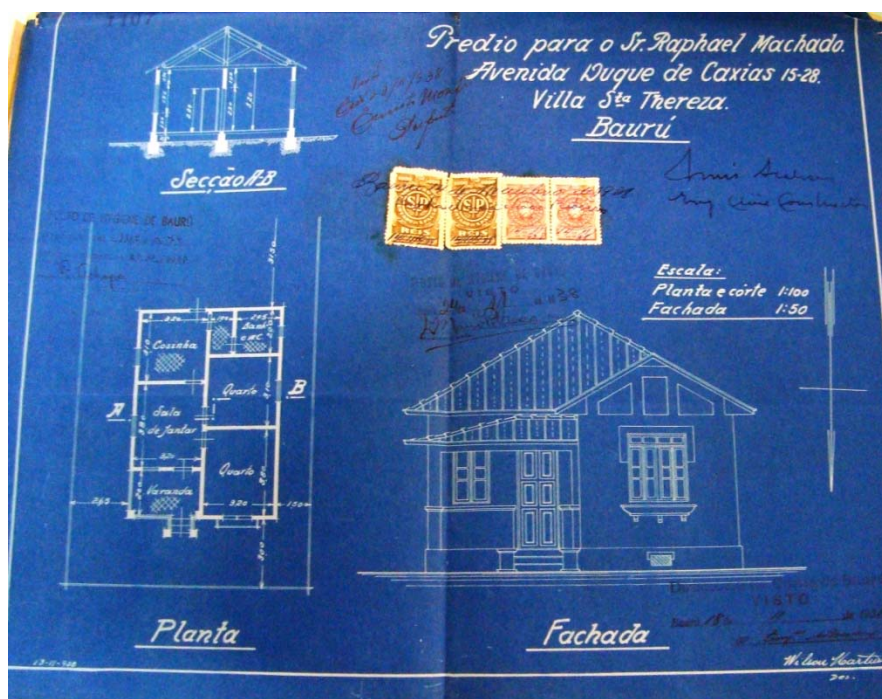


Figura 14 – Projeto de bangalô. Fonte: Secretaria do planejamento de Bauru (SEPLAN), 2014.

A cidade de Bauru contém um número significativo de bangalôs em meio à malha urbana, devido a sua popularidade e aceitação, desde o início do século XX, porém, não se pode afirmar que a tipologia adentrou o local através da necessidade dos ferroviários, mas o que vale é que ela esteve presente desde a classe mais simples até a burguesia e permanece na cidade até hoje (figura 15).



Figura 15 – Bangalô existente, localizado na Rua Inconfidência 3-49. Fonte: Santos, Karla 2012.

Por fim, o bangalô originário na Índia, participou, e ainda participa, do cenário de diversas regiões do mundo, cada qual com sua singularidade, porém, no Brasil, ele transita dos mais abastados aos operários e a estes serve como solução de moradia, enquadrando-se como habitação sanitária, que compôs a arquitetura, fazendo parte de sua história.

BIBLIOGRAFIA

Aragão, Solange de. “Ensaio sobre a casa brasileira do século XIX.” São Paulo: Blucher Acadêmico, 2011.

Atique, Fernando. “Arquitetando a boa vizinhança: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano 1876 -1945.” São Paulo, 2007. 468 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Bonduki, Nabil. “Os Pioneiros da habitação social.” São Paulo: Unesp, 2012.

Campos, Eudes. “Chalés Paulistanos.” In Anais do Museu Paulista. São Paulo. Sér. v.16. n.1.p. 47-108. jan.- jun. 2008.

Constantino, Norma Regina Truppel “A construção da paisagem de fundos de vale: o caso de Bauru.” São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, 2005.

Correia, Telma de Bastos. “A Construção do Habitat Moderno no Brasil – 1870-1950”, São Carlos: Rima, 2004.

_____ (org.) “Forma Urbana e Arquitetura de Vilas Operárias e Núcleos Residenciais de Empresas no Brasil.” São Paulo: Annablume, 2011.

Elias, Caroline Gonçalves, Cavalcanti Filho, Ivan. “Os Bangalôs na Cidade de João Pessoa no Século XX: Um Estudo Morfológico.” In: XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado, 2014, Bauru. Anais do XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado. Bauru: XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado, 2014. v. 01. p. 901-909.

Figueiredo, Camila Beijo. Costa, Luiz Augusto Maia “A Cidade-Jardim de Raymond Unwin. Análise do projeto para Letchworth.” In: Anais do II Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação , Campinas, 2012.

Freyre, Gilberto. China Tropical. Brasília: Unb, 2003.

Hall, Peter. “Cidades do Amanhã - Uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX”. São Paulo: Perspectiva,1995.

Homem, Maria Cecília Naclério. “O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918.” São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Janjullo, Maristela. “Arquitetura residencial paulistana dos anos 1920: ressonâncias do Arts and Crafts?”. 2009. 408f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) —Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

_____ “Bangalô – Subúrbio: A circulação intercontinental de uma nova culturada habitação no início do século XX.” Campinas, Oculum ensaios 13 p.46-58 janeiro -junho 2011.

King, Antony Douglas. "The Bungalow 1600 – 1980: A study of the cultural, social, political and economic factors in the production of a global house-type." 1982. 429f. Thesis presented for the degree of PhD School of Social Sciences Brunel University Uxbridge, 1982.

Kramer, K. "Applying the Lessons of Indian Vernacular Architecture: The Bungalow as Example of Adaptive Climatic Response." PLEA 2006-The 23rd Conference on Passive and Low Energy Architecture, Geneva, Switzerland.

Lemos, Carlos Alberto Cerqueira. "A República Ensina a Morar (melhor)." São Paulo: Hucitec, 1999.

_____ "História da Casa Brasileira." 2ªed. São Paulo: Contexto, 1996

_____ "Alvenaria Burguesa." São Paulo: Nobel, 1989.

_____ "Cozinhas, etc." São Paulo: Perspectiva, 1976

Reis Filho, Nestor Goulart. "Quadro da Arquitetura no Brasil." 12ªed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Roberts, J.M. "O Livro de Ouro Da História do Mundo." Tradução: Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Saia, Luis. "Morada Paulista." São Paulo: Perspectiva, 1978.

Segawa, Hugo. "Prelúdio da Metrópole." São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

Spirn, Anne Whiston. "O Jardim de Granito: A Natureza no Desenho da Cidade." São Paulo: Edusp. 1995

Tagliari, Ana; GALLO, Haroldo. "O Movimento Inglês Arts and Crafts e a Arquitetura Norte-Americana." In: III encontro de história da arte – IFCH / Unicamp.2007. Campinas.

Varol, Gökhan. "Identification of Bungalow Houses in North Cyprus." 2013.139f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Eastern Mediterranean University. Gazimağusa, 2013.

Veríssimo, Francisco Salvador. BITTAR, William Seba Mallmann. "500 Anos da Casa no Brasil." Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

Wells, H.G. "História Universal: A Era das Grandes Potências." Tradução: Anísio Teixeira. v.3. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1939.

Wolff, Silvia Ferreira Santos. "Jardim América: O primeiro bairro de São Paulo e sua Arquitetura." São Paulo: Edusp, 2001.

Sites Consultados

vida d maquinista. Rede de viação Paraná - Santa Catarina. Disponível em: <vidadmaquinista.blogspot.com> Acesso em: 22 de novembro de 2015.

são paulo antiga. Disponível em: www.saopauloantiga.com.br Acesso em: 15 de Janeiro de 2016.